



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

variahis@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Deckmann Fleck, Eliane Cristina; Poletto, Roberto

"En este libro no hallo cosa que se oponga a los dogmas de nuestra Santa Fe ni a las buenas costumbres". Um estudo sobre dedicatórias, prólogos e censuras em tratados de cirurgia e de medicina do Setecentos

Varia Historia, vol. 29, núm. 49, enero-abril, 2013, pp. 125-142

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434841007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**“En este libro no hallo cosa
que se oponga a los dogmas
de nuestra Santa Fe ni
a las buenas costumbres”**

**um estudo sobre dedicatórias,
prólogos e censuras em tratados de
cirurgia e de medicina do Setecentos***

***“In this book I find anything that is opposed
to the dogmas of our holy faith or morals”***

***a study about dedications, prologues and censorship
in surgery and medicine treaties in the 17th century***

ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK
Professora do Departamento de História
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Pesquisadora do CNPq
ecdffleck@terra.com.br

ROBERTO POLETTTO
Graduado em História
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
robertopoletto@hotmail.com

RESUMO Neste artigo, analisamos os textos das dedicatórias, censuras, aprovações e prólogos publicados em tratados de cirurgia e de medicina,

* Artigo recebido em: 02/02/2012. Aprovado em: 07/06/2012.

escritos ou editados na Espanha durante a primeira metade do século XVIII, e que tiveram comprovada circulação, constituindo-se em obras de referência para jesuítas que atuaram como boticários e médicos na América. Para além da identificação das estratégias de escrita evidenciadas nestes textos, que precedem o conteúdo propriamente dito desses tratados impressos, avaliamos como, através deles, seus autores e editores procuraram apontar caminhos adequados de leitura e, assim, difundir determinados conhecimentos científicos na Espanha e nas áreas de seu vasto império colonial no século XVIII.

Palavras-chave tratados de medicina, estratégia de escrita, circulação de impressos

ABSTRACT In this article, we analyse the texts of the dedications, censorship, approvals and prologues published in surgery and medicine treatises, written or edited in Spain during the first half of the eighteenth century, that had confirmed circulation, becoming works of reference to Jesuits who acted as apothecaries and medics in America. Other than the identification of the writing strategies evidenced in these texts, which precede the content itself of these printed treatises, we evaluate how, through these texts, their authors and editors sought to point out appropriate ways of reading and, this way, to disseminate certain scientific pieces of knowledge in Spain and in the areas of its vast colonial Empire in the eighteenth century.

Keywords medicine treatises, writing strategy, printout circulation

Introdução

A ascensão dos Bourbon ao trono espanhol no século XVIII foi acompanhada por medidas que visavam garantir a centralização do poder, e que acabaram por se estender às práticas e aos profissionais de cura, provocando disputas entre os *Tribunales Gremiales* e o *Protomedicato*¹. O controle estatal exercido sobre estas atividades foi, no entanto, fundamental para que fosse alcançado o “*modelo profesional universitario*”, responsável pelos

1 O Protomedicato – tribunal técnico ligado ao Conselho Real – foi fundado no reinado de Felipe II (1556-1598). Além de examinar e conceder licenças aos profissionais da área médica, este tribunal técnico também se ocupava da fiscalização de sua atuação, definindo o que era tido como uma prática médica autorizada ou passível de censura ou condenação. Ver mais em LANNING, John Tate. *El Real Protomedicato: la reglamentación de la profesión médica en el Imperio español*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997; RODRÍGUEZ OCAÑA, Esteban. La medicina en busca de público: España, siglos XIX y XX. *História Ciências Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 295-301, 2006.

avanços observáveis na sistematização e na difusão dos conhecimentos médicos do período.²

Em relação, especificamente, aos tratados de medicina³ editados na Espanha no século XVIII, constatamos que todos eram dedicados a um membro da realeza ou, então, a um santo(a) católico(a) – com destaque para Nossa Senhora⁴ –, e continham prólogos, censuras ou aprovações concedidas por clérigos qualificadores do Santo Ofício ou por médicos que, geralmente, se encontravam vinculados a alguma Universidade.

Neste artigo, apresentamos a análise dos textos das Dedicatórias, Censuras ou Aprovações e dos Prólogos publicados nos tratados *Principios de Cirugia*, de Geronimo de Ayala⁵; *Medicina Practica de Guadalupe*, de Francisco Sanz de Dios⁶; *Medicina y Cirugia Domestica*, de Felipe de Borbon⁷; *Doctrina Moderna para los sangradores*, de Ricardo Le Preux⁸; *Secretos Medicos y Chirurgicos*, de João Curvo Semmedo⁹; *Medicina Ilustrada Chymica*

2 Rodríguez Ocaña percebe o século XVIII como um momento chave para a compreensão dessas transformações: "en el siglo XVIII extremó su predilección en correspondencia con la implantación de nuevos estilos científicos tajantemente separados de la tradición antigua. De una parte, la intervención administrativa en la regulación del ejercicio, como el Real Tribunal del Protomedicato (López Terrada y Martínez Vidal, 1996; Campos Díez, 1999), acabó con el 'modelo abierto', artesanal o gremial, que había caracterizado históricamente tanto la formación médica como la de las restantes profesiones sanitarias"; RODRÍGUEZ OCAÑA, Esteban. La medicina en busca de público, p. 295.

3 Os tratados analisados neste artigo foram selecionados dentre aqueles que foram produzidos e/ou editados na Espanha durante a primeira metade do século XVIII e que tiveram sua importância atestada na sua recepção, apropriação e comprovada circulação. Muitos deles integraram as bibliotecas jesuíticas na América, constituindo-se em obras de referência para os jesuítas boticários e médicos, como se pode constatar no catálogo do Colégio de Assunção e também no catálogo do Colégio de Córdoba. Ver mais em GORZALCZANY, Marisa Andrea e GÁONA, Alejandro Olmos. La Biblioteca Jesuítica de Asunción. Buenos Aires: El Autor, 2006; e FRASCHINI, Alfredo Eduardo. (dir.). *Index Librorum Bibliothecae Collegii Maximi Cordubensis Societatis Iesu*. Edición Crítica Filológica y Bibliográfica. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2005.

4 Vale lembrar que para os homens dos séculos XVII e XVIII, o conhecimento empírico do mundo natural era, também, uma forma de conhecer a Deus. No início da modernidade, "o mundo era um livro cuja leitura aproximava [os homens] do Criador. (...) Essa concepção do mundo como um livro aberto (que) permite uma aproximação [com] Deus inspirou muitos religiosos a uma pesquisa sobre a natureza e sobre a história humana para conhecer melhor o Criador"; SAEZ, Horácio Capel. *O nascimento da ciência moderna e a América*. Maringá, PR: EDUEM, 1999, p.73-74. Assim, o estudo da natureza não tinha o objetivo de confrontar as Escrituras, ao contrário, visava a decodificar as mensagens divinas que o homem buscava compreender.

5 *Principios de Cirugia, utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad* foi escrito por Geronimo de Ayala e publicado no ano de 1705, em Valencia, por Jayme de Bordazar. Esta obra conta com 330 páginas, evidenciando a filiação de seu autor aos pressupostos da medicina hipocrático-galênica. Dentre as diversas temáticas contempladas, destacamos a preocupação com a *cirugia*, em capítulos que tratam sobre a anatomia e, ainda, sobre deslocamentos e hérnias.

6 A obra *Medicina Practica de Guadalupe* foi escrita por Francisco Sanz de Dios e publicada no ano de 1730, em Madri, por Domingo Fernandez de Arrojo. Apesar de evidenciar a aplicação de princípios da medicina hipocrático-galênica, este tratado apresenta e propõe práticas ligadas a procedimentos químicos, que ainda eram bastante contestados e buscavam espaço no meio acadêmico.

7 *Medicina y Cirugia Domestica necessaria a los pobres y familiar a los ricos* foi escrita por Felipe de Borbon e publicada no ano de 1705, em Valencia, por Jayme de Bordazar. A obra – que conta com 367 páginas – está impregnada de preceitos ligados à medicina hipocrático-galênica. Nela, encontramos, também, diversas concepções de cura ligadas a práticas curativas populares e de fácil acesso, como o emprego de plantas e animais na composição das receitas, bem como a permanência da fé e da intervenção divina como agentes terapêuticos ou, então, de práticas supersticiosas, tais como o uso de relíquias e amuletos nas curas.

8 *Doctrina Moderna, para los sangradores, en la qual se trata de la Flebotomia y Arteriotomia: de la aplicacion de las ventosas: de las Sanguijuelas: y de las enfermedades de la Dentadura, que obligan à sacar dientes, colmillos, ò muelas: con el arte de sacarlas* foi escrita por Ricardo Le Preux e publicada no ano de 1717, em Madri, por Francisco de Yerro (ou Hierro). A obra, com 169 páginas, trata, essencialmente, da aplicação da sangria, considerada (no período) uma arte inferior à cirurgia e à medicina.

9 A obra *Secretos Medicos y Chirurgicos* foi escrita, em 1701, por João Curvo Semmedo e publicada em Madri no ano de 1735, por Juan de Zuñiga. As diversas doenças e as correspondentes terapêuticas curativas referidas

*Observada*¹⁰ e *Chirurgia Methodica Chimica Reformada*, de Francisco Suarez de Ribera¹¹ e de um manuscrito da *Materia Medica Misionera*, escrito pelo jesuíta Pedro Montenegro¹². Para além da identificação das estratégias de escrita evidenciadas nestes textos que precedem o conteúdo propriamente dito dos tratados médicos, nos dedicamos a avaliar como, através deles, autores e editores procuraram apontar caminhos adequados de leitura e, assim, difundir determinados conhecimentos científicos na Espanha e nas áreas de seu vasto Império colonial.¹³

“Sin que otro ninguno lo pueda imprimir sin su licencia [e] que las dedicatorias solo se hagan a los sabios, prudentes, leales, valerosos, ricos y experimentados”

Mais do que o título do livro, o nome do autor e o ano de publicação, as capas dos tratados médicos setecentistas que analisamos trazem informações que permitem reconstituir o processo de edição deste gênero de obras na Espanha do setecentos. As capas dos tratados acima referidos apontam para a prática da publicação de obras em conjunto, tanto de obras inéditas, quanto de reedições, que recebiam adições de outros textos de tema correlato, confirmando a constatação feita por Roger Chartier de que publicações com volumes múltiplos foram uma prática comum entre livreiros e editores do século XVIII.

Quanto às adições, verificamos que as obras de Geronimo de Ayala, Felipe de Borbon e João Curvo Semmedo receberam novos volumes ou tiveram a inserção de explicações. À obra do célebre médico português,¹⁴ que se tratava de uma tradução, foi adicionado um *Breve Diccionario Lusitano Castellano, para los que tienen las obras de dicho Autor*. O tradutor Thomas

neste tratado são apresentadas em ordem alfabética. Cabe ressaltar que trechos de outras obras do mesmo autor foram adicionados a esta edição, que possui 154 páginas.

- 10 *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos* foi escrita por Francisco Suarez de Ribera e publicada no ano de 1722, em Madri, por Francisco del Hierro (ou Yerro). O tratado conta com 447 páginas.
- 11 *Cirurgia Methodica Chymica Reformada* foi escrita por Francisco Suarez de Ribera e publicada no ano de 1722, em Madri. Nesta obra, que conta com 453 páginas, diferentemente da outra escrita por Ribeira, não consta a informação sobre prensa utilizada para impressão. Apesar de o autor conceder grande espaço às práticas tradicionais de cura, nota-se certa abertura para o emprego das concepções de cura ligadas à química.
- 12 A obra *Matéria Médica Misionera*, de Pedro Montenegro, foi escrita em 1710. O manuscrito analisado neste artigo data de 1790 e encontra-se no Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP, São Leopoldo. Trata-se de uma obra que destaca, principalmente, as propriedades curativas das plantas medicinais americanas. Seu original tem cerca de 450 páginas e 148 ilustrações. Nela, são citadas tanto plantas já conhecidas e analisadas anteriormente por autores clássicos, quanto algumas que não possuíam descrições anteriores nos manuais de botânica e de medicina conhecidos pelo irmão jesuíta Montenegro.
- 13 Os estudos mais recentes sobre as práticas de escrita e de leitura têm possibilitado uma maior compreensão acerca das estratégias utilizadas por autores, editores e censores, entre outros agentes sociais envolvidos no processo de produção gráfica, tanto de impressos, quanto de manuscritos. Outra questão que vem sendo contemplada diz respeito às formas de circulação do conhecimento, considerando sua importância central no Antigo Regime e, especialmente, no século das Luzes.
- 14 Trata-se de SEMMEDO, Joam Curvo. *Proposta que o Doutor Joam Curvo Semmedo, Médico morador em Lisboa, faz aos amantes da saúde, & consciências*. Lisboa, 1701. A esta obra foi acrescentada o *Breve Diccionario*.

Cortijo,¹⁵ por considerar conveniente, decidiu agregar a obra *Secretos y preparaciones especiales del Doct. Curbo, para los Señores Cirujanos* ao texto principal, como evidenciado na justificativa:

*Aunque en el discurso de esta Obra, escrita por Abecedario, he transcripto muchos Secretos Chirurgicos, que revela el Doct. Curbo, me ha parecido conveniente hacer estudio especial en copiar otros muchos remedios tocantes à Cirugia, de quienes tengo noticia que han pasado plaza de Arcanos, y assi empiezo por el verbo Llagas y Ulceras, que es timebunt gentes de los Cirujanos.*¹⁶

Em relação à prática de edições conjuntas, podemos observar seu emprego no tratado *Medicina y Cirugia Domestica*, que, por sua vez, constituía-se de tradução da obra *Medico Caritativo*¹⁷, comentada por Felipe de Borbon. Apesar de a capa mencionar que havia sido *Añadido en esta ultima impression las Flores de Guido*, constatamos que o exemplar recebeu a adição – não informada ao leitor – de uma obra de Galeno,¹⁸ o que pode estar relacionado tanto com a busca de reconhecimento e de legitimidade pelo comentarista e pelo editor, quanto com a intenção – por parte de ambos – de orientar a leitura dessa obra e definir sua recepção.¹⁹

As capas dos tratados também trazem informações relevantes sobre os Privilégios ou Licenças para impressão que, comumente, figuravam nas primeiras páginas das obras, sob a forma de uma *Suma del Privilegio*. A menção feita a estas concessões na capa de alguns dos tratados que analisamos parece apontar para a importância que lhes foi dada e para uma estratégia de divulgação de seus autores e editores. Através delas, pudemos constatar, ainda, que dos sete tratados analisados, cinco foram impressos na Madri setecentista e em três *Imprentas* diferentes,²⁰ o que

15 Thomas Cortijo era presbítero e desempenhava a função de médico da corte na *Villa de Madrid*.

16 CORTIJO, Thomas. *Justificativa*. In: SEMMEDO, Joam Curvo. *Proposta que o Doutor Joam Curvo Semmedo*, p. 96.

17 Em relação a esta obra, não há qualquer informação na capa sobre seu autor. Vale lembrar que diversas obras do período recebiam a denominação de "*Caritativo*", "*Polianthea*" ou "*Florilégio*", o que dificulta a averiguação da autoria.

18 As *Flores de Guido*, editada conjuntamente com o tratado de *Medicina y Cirugia Domestica*, trata-se, na verdade, da obra *La Cirugía Magna*, de 1364, do francês Guido de Cauliaco, também conhecida como o "*Guidoni o las Flores de Guido*". Já a obra de Galeno adicionada ao tratado de Felipe Borbon – sem qualquer informação ou advertência ao leitor – intitula-se "*De los tumores fuera del orden de naturaleza*", e foi traduzida para o castelhano pelo médico valenciano Antonio Juan Villafraña. Galeno, que nasceu em Pérgamo, cidade grega da Ásia Menor, provavelmente no ano 130 da era cristã, e faleceu cerca do ano 200, "escreveu, além das obras de medicina, livros em diversas áreas, tais como, filosofia e direito". TAVARES DE SOUZA, Armando. *Curso de história da medicina: das origens aos fins do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 113.

19 A não informação da adição da obra de Galeno parece apontar para os "princípios que governam a ordem do discurso" e que nos auxiliam na compreensão do que Chartier denominou de "processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros". CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UNB, 1994, p. 8. Vale lembrar que Felipe de Borbon, o autor de *Medicina y Cirugia Domestica necessaria a los pobres y familiar a los ricos*, estava plenamente identificado com a teoria hipocrático-galênica, que era, no século XVIII, ainda a principal orientação da medicina acadêmica. Ao consentir na adição das obras de Galeno e de Guido de Cauliaco à edição do tratado de sua autoria, Borbon não apenas evidenciava as obras que considerava referenciais para a Medicina e a Cirurgia, como buscava nelas a legitimidade e o reconhecimento de seu trabalho.

20 Trata-se da Imprensa de Domingos Fernandez de Arroyo, de Francisco del Yerro (que também aparece como Hierro) e de Juan de Zuñiga.

atesta não apenas os investimentos realizados no mercado editorial, como a demanda por obras impressas.

Sabe-se que o mercador de livros Francisco Laso adquiriu os direitos de impressão das obras de Ribera, porém, ao que tudo indica, ele não possuía uma prensa própria, posto que, na *Medicina Illustrada Chymica Observada*, consta a informação de que *Con Privilegio: En Madrid: Por Francisco del Hierro. A costa de Francisco Laso, vendese en su casa*.²¹ Essa observação parece indicar que Francisco Del Hierro encarregou-se da impressão, e que Laso dedicou-se, exclusivamente, à venda dos exemplares da obra.

A análise do texto da *Suma de Privilegio* nos oferece outras informações relevantes acerca das práticas de escrita e de edição e circulação de livros no setecentos, tais como as relativas ao tempo de permissão para impressão e ao controle exercido pelas instituições régias que regulamentavam e fiscalizavam tais atividades.²²

*Tiene Privilegio de su magestad el Doctor Don Francisco Suarez Ribera, del Gremio, y Claustro de la Universidad de Salamanca, para poder imprimir el Libro, intitulado: Cirugia Methodica Chymica Reformada, por tiempo de diez años, sin que otro ninguno lo pueda imprimir sin su licencia, debaxo de las penas contenidas en el Privilegio de su Magestad. Fecho en El Pardo à ocho de Noviembre de mil setecientos diez y ocho años. Por mandado del Rey N. Señor. Don Francisco Castejòn.*²³

Na mesma página, é destacada a cessão dos privilégios, transmitidos pelo autor ao já citado mercador Francisco Laso: *“En la Villa de Xaraiz, en siete dias del mes de Febrero de mil setecientos diez y nueve, yo el Doctor Don Francisco Suarez de Ribera (...) cedo dicho Privilegio por los dichos diez años à Francisco Laso, Mercader de Libros en la Villa de Madrid, &c”*.²⁴

Também nos detivemos nos textos das Dedicatórias que constam nas páginas iniciais dos tratados de medicina que selecionamos, baseando-nos no pressuposto de que através delas se estabelecia um vínculo direto entre a obra e o agraciado, alvo da homenagem: “Uma obra pertence tanto àquele a quem é dedicada quanto àquele que a escreveu, e, na biblioteca ideal, como nas páginas de rosto, dois nomes próprios, ao menos, podem reivindicá-la, sem contar o nome do livreiro-editor”.²⁵

21 RIBERA, Francisco. *Cirugia Methodica Chymica Reformada*. Madrid: Comercializado por Francisco Laso, 1722. O ano exato de publicação da obra não consta na capa do tratado em questão. Já as censuras foram assinadas em 1724, o que nos leva a deduzir que tenha sido publicada no mesmo ano ou em ano imediatamente posterior.

22 É importante termos presente a diferença existente entre os Tribunais da Inquisição – responsáveis pelos julgamentos (e pela punição) das pessoas sob as quais pesava acusação de bruxaria ou heresia – e as Mesas Censórias, que tinham a função de avaliar as obras que poderiam ou não ser publicadas no período.

23 RIBERA, Francisco. *Cirugia Methodica Chymica Reformada*. Suma de Privilegio.

24 RIBERA, Francisco. *Cirugia Methodica Chymica Reformada*. Suma de Privilegio.

25 CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*, p. 84.

Em uma das obras escritas por Ribera, encontramos explicitadas na Dedicatória as motivações e os critérios que orientavam as homenagens que ele prestava:

*Pero como reparo en esto, si me acuerdo, que siempre se han hallado en V. S. las circunstancias que se requieren para hacer un buen servicio Real, que son lealtad, nobleza, valor, sabiduria, prudencia, riqueza, y experiencia? Luego está bien, que las Dedicatorias solo se hagan à los sabios, prudentes, leales, valerosos, ricos y experimentados.*²⁶

Este texto escrito pelo médico espanhol nos permite, ainda, uma aproximação às ideias políticas vigentes no século XVIII, na medida em que, nele, Ribera tece considerações sobre regimes de governos – democráticos, aristocráticos e oligárquicos – e sobre aqueles – os nobres e ricos, sábios e prudentes – que teriam condições de apreciar e patrocinar obras, interesse maior de Ribera:

Nunca los Autores deben dedicar sus Obras à quienes observan àquel gobierno llamado Democracia, porque en este gobierno solo los mas votos son los que distribuyen en las nobles Dignidades, sin atender à las naturales prendas, y menos a la sabiduria; y siendo cierto que las Dedicatorias se hacen para que los Libros tengan un firme patrocinio, este nunca se halla mejor, que en quien observa aquellas dos especies de gobierno, llamadas Aristrocacia, y Oligarchia. Verdad es, que en la Aristrocacia gobiernan pocos: pero aunque pocos, suponen mas que muchos, porque son sabios, y prudentes; lo contrario sucede en la Oligarchia, pues quanto mayor fuere el numero, de los nobles, y de los ricos, tanto mejor será el gobierno. En V. S. he notado, que el orden de un gobierno siempre le ha tenido, y tiene en las dos Columnas Aristrocacia, y Oligarchia, y por esso ha sabido muy bien hacer estimacion de las Letras, y de las Armas.²⁷ (grifos nossos)

Ribera parece ter sabido escolher bem a quem dedicar sus obras. A obra de 1722 foi dedicada à “*La Antiquissima, Nobilissima, y Valerosissima, la siempre Leal, y Coronada Vila de Medina del Campo*”, tendo em vista seu “*aprecio de las letras e la mucha estimacion que siempre ha hecho de los doctos Medicos, que por su gran literatura han merecido ser titulares de V.S.*”,²⁸ evidenciando, mais uma vez, a importância que o autor atribuía ao mecenato.

Em outra obra escrita por Ribera, encontramos uma Dedicatória feita ao Conde de Salva Tierra. Nela, o destaque – em tom elogioso – dado ao nobre está associado às reais intenções do autor: “*pues con el fundamento Salva-tierra, es suficiente para quedar salva esta Obra de la emulacion, tan vana, como ignorante*”. O vínculo que o autor pretendia estabelecer com o

26 RIBERA, Francisco. *Cirurgia Methodica Chymica Reformada*. Dedicatória.

27 RIBERA, Francisco. *Cirurgia Methodica Chymica Reformada*. Dedicatória.

28 RIBERA, Francisco. *Cirurgia Methodica Chymica Reformada*. Dedicatória.

homenageado fica evidenciado na referência que Ribera faz à “*grandeza que V. Excelencia voluntariamente ha querido concederme, para mi mas engrandecida obligacion!*”.²⁹

Atestando tratar-se de uma prática bastante comum nesse período, metade dos tratados médicos analisados foi dedicado a Nossa Senhora, sob as denominações de *Maria Santissima de los Llanos*, em Semmedo, *Prodigiosa Imagen de Guadalupe*, em Sanz de Dios, *Maria Santissima del Rosario*, em Borbon, e *Virgen de los Dolores*, no tratado escrito por Pedro Montenegro, na América meridional, em 1710. Analisando esses tratados, a partir de seus contextos de produção, percebemos que, muitas vezes, seus autores, para além das funções ligadas às artes de curar que exerciam, mantinham estreita relação com a Igreja. Se considerarmos que Montenegro era irmão jesuíta e que Sanz de Dios, apesar de leigo, exercia atividades de médico no convento Virgem de Guadalupe, as homenagens que fazem a Nossa Senhora parecem se justificar pela condição e pelo vínculo profissional. Esta explicação, no entanto, não pode desconsiderar que, neste período, a fé ocupava um lugar absolutamente central na vida da população, de forma que a associação a santos e a santas da Igreja Católica constituía-se em reverência ao “grande artífice da cura”, Deus, e, conseqüentemente, em estratégia de legitimação do conhecimento divulgado.³⁰ Além disso, o controle que o Santo Ofício exercia sobre as publicações pode ter implicado numa espécie de autocensura,³¹ determinando uma escrita em consonância com as normas de aprovação e de circulação vigentes no período.³²

Deve-se, ainda, ter presente que este tipo de Dedicatória poderia determinar e/ou interferir no julgamento do(s) censor(es) – que, usualmente, era(m) membro(s) da Igreja Católica –, na medida em que o(a) homenageado(a) pelo autor da obra acabava por estar nele(s) representado(s). Em alguns trechos das Dedicatórias analisadas percebe-se a concepção de que os avanços científicos não resultavam – exclusivamente – do intelecto dos homens, mas da Vontade Divina, como se pode constatar nesta passa-

29 RIBERA, Francisco. *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos*. Dedicatória.

30 Em relação a este aspecto, vale destacar a advertência de que “se nós identificarmos, nessa época, estruturas antinômicas entre aquelas do conhecimento científico e aquelas que dizem respeito às oscilações e inquietações da vida religiosa, se nós colocarmos uma distinção demasiado nítida entre esses dois universos culturais, correremos o risco de não compreender uma inteira época na qual não existiu, de forma tão nítida, uma tal separação entre a concepção do homem, a visão do mundo natural e o obsequio para a lei divina.” AGNOLIN, Adone. *Jesuitas e selvagens: a negociação da fé no encontro catequético- ritual americano-tupi* (séculos XVI- XVII). São Paulo: Humanitas, 2007, p. 430.

31 De acordo com Michel de Certeau, o próprio autor podia acrescentar dispositivos à obra, visando dirigir a interpretação do leitor e, assim, evitar as eventuais polêmicas que pudessem vir a surgir. A autocensura era, portanto, uma forma de controlar ou reprimir a crítica ao conteúdo do texto e sua provável proibição, confirmando tanto o poder exercido pela Inquisição, quanto o uso de estratégias para burlá-lo pelos *homens de ciência* da época. CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

32 É preciso lembrar que alguns cientistas, com destaque para astrônomos e médicos, procuraram romper com os conhecimentos autorizados pela Igreja, sendo que muitos deles, como Giordano Bruno e Galileu, não apenas tiveram suas obras proibidas, como foram executados por decisão do Santo Ofício.

gem de uma obra de Ribera, na qual ele afirma que *"los remedios, antes de producir sus efectos, prestan obediencia, no al Medico, solo si à la Potencia muy sublimada de Dios"*.³³ Em outro tratado de 1722, apesar de reconhecer a influência dos estudos de outro médico, Ribera não descuida de enfatizar que *"Lo cierto es, que nunca podemos los Catholicos Medicos buscar mejor Protector de nuestras obras, por ser Jesus el primer Author de todas"*,³⁴ demonstrando não apenas a permanência dessas concepções no século XVIII – entre *"los catholicos médicos"* –, como também a eficiência do controle exercido pela Igreja católica através das censuras.

Este controle exercido pela Igreja – e legitimado pelo Estado – garantia a manutenção de conhecimentos tidos como verdadeiros e, conseqüentemente, autorizados, tanto através da censura, quanto da aprovação para sua circulação.³⁵ Este aspecto, aliás, fica bem evidente na avaliação feita da obra do *"herege Daniel Senerto"*, que teve seus livros recolhidos, *"pois, primeiramente, ataca a Galeno"*.³⁶

As Aprovações que constam nos tratados médicos que analisamos são de natureza distinta, já que resultaram tanto da análise do conteúdo da obra por membros da Igreja – sob um ponto de vista teológico e moral –, quanto por membros do corpo médico real, o chamado *Protomedicato*, atestando que a regulamentação do exercício das artes de curar na Espanha era também uma preocupação do Estado. O número de Aprovações contidas em cada um dos tratados analisados varia bastante, pois alguns continham uma única, como se pôde constatar no tratado de Borbon,³⁷ enquanto outros receberam um grande número de Aprovações, o que parece estar relacionado com o reconhecimento da importância que a obra tinha para a medicina da época e com o interesse em sua publicação para divulgação dos princípios e procedimentos terapêuticos neles contidos.

Dentre as obras analisadas, a única que não apresenta texto de Aprovação é a escrita pelo irmão jesuíta Pedro de Montenegro, em Córdoba (Argentina), em 1710. Dentre as possíveis razões para a ausência de Aprovação, pode-se apontar a distância da sede do Império e das *imprentas* de Madri, o que, no entanto, parece não se sustentar, já que há informações de que

33 RIBERA, Francisco. *Medicina Illustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos*. Dedicatória.

34 RIBERA, Francisco. *Cirurgia Methodica Chymica Reformada*. Dedicatória.

35 Cabe, no entanto, lembrar que as avaliações realizadas pelos membros do Santo Ofício e da Mesa Censória estiveram condicionadas à procedência do avaliador e do avaliado, ao período em que as obras foram analisadas e à própria subjetividade do avaliador.

36 CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triacas*: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994, p.56. O cirurgião italiano Daniel Sennerto – ou Sennertus –, que nasceu em 1572 e faleceu em 1637, integrou o grupo de médicos tidos como *"conciliadores ecléticos do século XVII"*, que estavam convencidos de que os pressupostos teóricos de Galeno e Paracelso deveriam ser conciliados, aplicando-se deles, somente, o que era considerado mais adequado, razão pela qual alguns princípios eram alvo de críticas e de reprovação. Entre suas principais obras está *Epitome Scientiae Naturalis*.

37 Orencio Ardanuy, que assinou a Autorização do Tratado de Borbon, além de catedrático de Teologia no Colégio da Companhia de Jesus, na cidade de Zaragoza, era qualificador do Santo Ofício.

obras eram impressas nos colégios e nas reduções da Província Jesuítica do Paraguai desde 1705.³⁸ A sua circulação – entre os diferentes espaços de atuação da Companhia de Jesus na América meridional – sob a forma de manuscrito também parece não explicar a falta de Aprovação, pois, como bem observado por Bouza, ainda que os *papeles de mano* fossem muito utilizados para fugir do controle régio e do Santo Ofício, estes órgãos estavam atentos também à circulação de manuscritos.³⁹

Na América, a aprovação da circulação de obras – tanto das produzidas nas áreas do Império, quanto daquelas escritas e publicadas na Europa – era realizada pelas Mesas censórias, órgãos reguladores que, encarregados de avaliá-las, acabavam por – em caso de aprovação – legitimar e difundir concepções autorizadas junto aos leitores americanos. Este aspecto pode ser constatado em passagem da *Materia Medica Misionera*, na qual Montenegro,⁴⁰ além de lamentar o tardio contato com a obra *De inditriusque re naturali et medica* de Guilherme Piso,⁴¹ informa que a mesma foi alvo de censura, juntamente com outras tantas:

*Muchos años he andado por descubrir esta tan noble y escogida raiz, despues que vi su dibujo en las obras de Menardes, y Huerta; pero pasados diez y ocho años de inquisicion llegando á mis manos las obras de Guillermo Pisson, y las de Jacobo Bonti, informado mejor de sus circunstancias vine á descubrir.*⁴² (grifos nossos)

Os textos das Aprovações seguiam um mesmo padrão narrativo, sendo perceptível tanto o tom elogioso ao autor e à obra, quanto o exercício de humildade – ainda que de maneira retórica – de parte do censor/avaliador. Os avaliadores faziam questão de destacar a caridade – o nobre sentimento cristão – dos autores, que ofereciam o seu conhecimento – não para ostentação, mas para ajudar aqueles que dele necessitavam. Este aspecto pode ser observado na Aprovação, redigida pelo frei Juan Maestro, presbítero da ordem de São João, do tratado *Principios de Cirugia*, de Geronimo de

38 Sobre a temática ver: MEDINA, José Toribio. *La imprenta en América Española*. La Plata: Taller de Publicaciones del Museo, 1892.

39 Como bem observado por Bouza: “La posibilidad de difundir en forma manuscrita proposiciones contrarias a la Monarquía nos conduce a la presentación de los papeles de mano en los índices de libros prohibidos por el Santo Oficio. Aunque el Index, como instrumento de control, estaba fundamentalmente atento a las obras impresas, no es infrecuente encontrar entre los textos cuya posesión y lectura se prohibía menciones expresas a títulos manuscritos, lo que constituye una prueba irrefutable de la difusión que éstos estaban alcanzando”. Ver mais em BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons Ediciones de Historia, 2001, p. 66-67.

40 De acordo com Guillermo Furlong, o Ir. Pedro Montenegro teria sido um exímio médico e autor inquestionável do *Recetario Medico* e do *Libro de Cirugia*. Este último – que tem sido, equivocadamente, atribuído ao padre franciscano Pacheco – foi publicado por Felix Garzón Maceda, em seu livro *La Medicina em Córdoba, apuntes para su historia*, pela editora Talleres Gráficos Rodríguez Giles, em Buenos Aires, em 1916. Ver mais em FURLONG, Guillermo. *Medicos argentinos durante la dominación hispánica*. Buenos Aires: Huarper, 1947.

41 As razões para a proibição da circulação do trabalho de Piso – apesar da grande repercussão que alcançou na Europa –, podem estar relacionadas ao fato de ter sido escrito por um holandês que não professava a fé católica, o que, sem dúvida, contribuiu para a censura.

42 Para a transcrição desta passagem da obra recorremos a MONTENEGRO, Pedro. *Matéria médica misionera* [1710]. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 101.

Ayala: *"he reconocido que el Autor manifiesta su mucho estudio, y experiencia, movido mas de la caridad, que por hazer ostentacion de lo que sabe"*.⁴³

Após as elogiosas manifestações dos avaliadores sobre os autores e suas obras, cumpria-se certo protocolo narrativo, já que as Aprovações se encerram com as Licenças de impressão e divulgação, cujo conteúdo é praticamente o mesmo nos tratados analisados, distinguindo-se apenas no emprego de alguns termos para afirmar que a obra estava aprovada. Em uma das Aprovações do tratado *Medicina, y Cirugia Domestica* de Felipe Borbon, escrita por Orencio Ardanuy, encontramos a justificativa para sua publicação:

*Y respondiendo de oficio, en obsequio del que assi me lo ordena, debo decir, que en este Libro no hallo cosa, que se oponga à los dogmas de Nuestra Santa Fè, ni a las buenas costumbres; siendo toda su doctrina un continno exercicio de piedad, que remedia; de misericordia, que alivia; de caridad, que sana. Con que le juzgo digno que se estime, que se lea, y que se imprima. En el Colegio de la Compañia de Jesus de Zaragoza à 14. De Agosto de 1686.*⁴⁴ (grifos nossos)

Os textos das Aprovações trazem a mesma percepção quanto à origem do conhecimento que observamos nas Dedicatórias, como se pode constatar na que foi redigida por Frei Pedro Manso,⁴⁵ o avaliador da obra *Medicina Practica de Guadalupe*, na qual ele afirma que os estudiosos das *"naturales ciencias (...)* tuvieron muy especial iluminacion de Dios, que los escogió para Maestros".⁴⁶ Nas Aprovações redigidas por médicos, constata-se uma avaliação de caráter mais técnico, orientada, especialmente, para a validade da teoria que perpassa a obra e dos procedimentos terapêuticos recomendados. Ainda assim, seus textos se encerram com a afirmação de que não haviam encontrado nada *"que se oponga à los dogmas de Nuestra Santa Fè, ni a las buenas costumbres"*, como observamos na avaliação feita pelo doutor Ribera – autor de dois dos tratados que analisamos – do tratado escrito por Semmedo e traduzido por Thomas Cortijo.

No século XVIII, o controle régio sobre as publicações previa que, após ter sido lido, o manuscrito fosse impresso em um único volume e enviado, novamente, ao censor para conferência e aprovação. As razões para este procedimento nos são informadas em trecho extraído da obra *Medicina Practica de Guadalupe*:

43 AYALA, Geronimo de. *Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad*. Valencia: Jayme de Bordazar editor, 1705, Aprovação.

44 BORBON, Felipe. *Medicina y Cirugia Domestica Necesaria a los pobres, y familiar à los ricos. Trascripta del Medico Caritativo, con algunos remedios de otros autores*. Valencia: Jayme de Bordazar y Artazú editores, 1705, Aprovação.

45 Sobre Frei Pedro Manso, sabe-se que era "del orden de San Agustin, Maestro de su Religion, Prior dos veces de su convento de Salamanca, Definidor General por su Provincia de Castilla, Provincial de ella, Doctor Theologo de la Universidad de Salamanca, y despues de otras muchas Cathedras, Cathedratico de San Anselmo, actual Rector del Colegio de Dona Maria de Aragon de esta Corte, y Difinidor de dicha Provincia." SANZ DE DIOS, Francisco. *Medicina Practica de Guadalupe*. Madrid: Imprenta de Domingo Fernandez de Arrojo 1730, Aprovação.

46 SANZ DE DIOS, Francisco. *Medicina Practica de Guadalupe*. Aprovação.

*antes que se venda se trayga ante ellos, juntamente con el dicho original, para que se vea, si la impresion està conforme à èl, trayendo assimismo fee en publica forma, como por Corrector por mi nombrado se viò, y corrigió dicha impresion por el original, para que se tasse el precio à que se ha de vender.*⁴⁷

Cabia ao censor régio – como se depreende do excerto acima – também a definição dos preços das obras, após sua aprovação. De fato, em alguns dos tratados encontramos a informação referente ao valor estipulado para venda, o que demonstra que, além de terem o conteúdo submetido a censores, os autores e editores ainda tinham que se sujeitar às normas de comercialização definidas pela Coroa. As obras de Ribera, Semmedo e Guadalupe trazem *Suma de la Tassa* que, além do título da obra, nos informam sobre o valor estipulado pelos *Señores del Real Consejo*. É curioso observar que todos os tratados que analisamos tiveram autorização para serem vendidos pelo mesmo preço, a “*seis maravedis cada pliego*”.

As Aprovações também informavam ao leitor se a obra em questão era a original ou se se tratava de uma tradução, condição, aliás, que não implicava em apreciação negativa pelo avaliador. As traduções eram bem recebidas e louvadas como obras originais, pois permitiam que o conhecimento gerado em lugares distantes ou em idiomas desconhecidos se tornasse acessível. Ao avaliar a obra *Medicina y Cirugia Domestica*, o já citado Orencio Ardanuy considerou elogiável a tradução feita por Felipe Borbon e oportunas as adições que ele fez sob a forma de escólios:⁴⁸

*Ni el ser en parte traduccion le quita sus quilates al comum beneficio, pues de Region tan opuesta nos trae tan benignas influencias, que viniendo en ageno idioma, quanto mas ocultas, eran menos beneficas. Debemos el diamante, no tanto à la roca, que en sus senos le produce, y oculta, quanto à la mano, que con su industria lo descubre, manifiesta, y comunica. A mas que el Autor deste libro, en los Escolios que añade, en los nuevos medicamentos que recoge, en las advertencias que previne, y en el metodo, y claridad con que todo se dispone, da tal lustre, y realce à la Obra, que con mucha razon puede llamarla suya.*⁴⁹ (grifos nossos)

Vale lembrar que no século XVIII, o latim ainda era considerado o idioma erudito por excelência e que os tidos como verdadeiramente doutos valiam-se, necessariamente, dele para divulgar suas obras. Já os romances, circulavam nos idiomas vernáculos,⁵⁰ ampliando significativamente a

47 SANZ DE DIOS, Francisco. *Medicina Practica de Guadalupe*. Licencia d'El Rey.

48 Pode-se definir escolios como “Breves annotações sobre algum texto, ou sobre as palavras de algu Author.” BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>, p. 218. Acesso em: 30 mar. 2012.

49 BORBON, Felipe de. *Medicina y Cirugia Domestica Necesaria a los pobres, y familiar à los ricos*. Aprovação.

50 Robert Darnton, falando sobre a *Bibliographie de la France*, destaca como “fenômenos intrigantes nas oscilações de seus gráficos: o declínio do latim, a ascensão da novela, o fascínio geral pelo mundo imediato da natureza

demanda por obras não escritas em latim, inclusive dos textos teológicos e de obras científicas. Já no texto da Avaliação do tratado escrito por Sanz de Dios – assinado pelo já citado Frei Pedro Manso – encontramos uma posição contrária a sua tradução do latim e à divulgação em castelhano:

*Es lastima salga este escrito en castellano, porque debe recelarse no tenga el mayor aprecio de los doctos, y que abussen de sus sutilezas (por mal entendidas) los indoctos. Si se escribiesse en latin, lograria universal aclamacion, por ser su Autor el primer Español, que dà a luz un fiel trassumpto de la doctrina de los Modernos, aunque en la practica no se adelanta à los Antiguos. Assi lo siento (salvo etc) en este Colegio de la señora Doña Maria de Aragon, Orden de N. P. S. Agustin, en Madrid à 22. De Julio de 1730.*⁵¹ (grifos nossos)

Em uma das Aprovações da obra de Ricardo Le Preux, observamos posição diversa da defendida por Frei Manso, pois o avaliador Juan Bautista Le Gendre⁵² se mostra favorável às publicações no idioma vernáculo, apesar das críticas que elas viessem a receber: *"Lo que estimo también en el Autor, solamente instimulado del zelo de su profession, es de aver puesto sus nociones en Romance Castellano, menospreciando la critica que incurre, y deseando solamente procurar el bien publico en lo que puede"*.⁵³

Os motivos que levam a essas posições tão distintas entre os avaliadores ilustram perfeitamente o embate entre os novos saberes e o conhecimento consagrado e autorizado.⁵⁴ O século XVIII, tributário, em grande medida, do movimento racionalista e iluminista parece ter encontrado formas para que as novas concepções fossem acomodadas às antigas teorias.⁵⁵ Apesar dos embates comuns ao meio acadêmico, esse período histórico se caracterizou pela vigência e concomitância de concepções variadas,

e os mundos remotos dos países exóticos que se disseminaram por todo o público educado entre a época de Descartes e Bougainville. Ver DARNTON, Robert. História da leitura. In BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 203.

51 SANZ DE DIOS, Francisco. *Medicina Practica de Guadalupe*. Aprovação.

52 Juan Bautista Le Gendre era "Cirujano de Paris, Demonstrador de Anatomia, y Operaciones, Teniente del Primer Cirujano, y sangrador del Rey N. S. y del Serenissimo Principe de Asturias, Alcalde, y Examinador Mayor de los Sangradores." LE PREUX, Ricardo. *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*. Madrid: Imprenta de Francisco de Yerro, 1717, Censura.

53 LE PREUX, Ricardo. *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*. Madrid: Imprenta de Francisco de Yerro, 1717, Censura.

54 Este embate decorreu, em grande medida, da publicação dos trabalhos de Paracelso, que implicaram em significativa mudança na preparação dos medicamentos, já que, em "oposição às misturas complexas dos preparados galênicos", foram desenvolvidas "técnicas que visa(va)m obter princípios ativos puros". Os remédios passaram, então, a incluir "sais metálicos, principalmente de antinômio e de mercúrio, e substâncias obtidas por destilação de drogas vegetais. Por isso, os medicamentos eram repulsivos ao paladar e, consequentemente, certas porções de açúcar entravam na composição dos mesmos." Cf. LEAL, Catarina Cunha e FERREIRA, Manuela Almeida. Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Portugalia*. Nova Série, Lisboa, v. XXVII-XXVIII, p. 90, 2006-2007. O registro e a regulamentação da preparação de medicamentos deu origem à primeira Farmacopéia oficial – a *Matricense* –, publicada em 1739, que simplificou procedimentos e sistemas de anotação e unificou pesos e medidas, substituindo a *Palestra Farmacêutica* de Palacios que vinha sendo utilizada até então.

55 Cabe ressaltar que a descoberta da circulação sanguínea por William Harvey, os avanços da anatomia propostos por Andreas Vesalius, bem como as terapêuticas com elementos químicos introduzidas por Paracelso não foram desconsiderados pela teoria hipocrático-galênica, tendo sido adaptados às suas concepções e procedimentos.

tanto daquelas relacionadas com os avanços, quanto daquelas associadas a teorias clássicas e a práticas tradicionais.⁵⁶

Por fim, apresentamos a análise que fizemos dos Prólogos que integram os sete tratados médicos selecionados. Estes não se limitavam à apresentação da obra ao leitor, trazendo também as justificativas para a adoção de determinada teoria médica – que orientava a exposição feita pelo autor –, para a opção pelo idioma vernáculo e, ainda, para as complementações feitas à obra original, como se pode constatar no texto escrito por Sanz de Dios:

*Creo reparan los Doctos fuera de mas autoridad, si se escribiera en Latin. Cambiè la autoridad de Libro en utilidad de los Lectores. Escrivo para los Doctos, porque me enseñan; para los Indoctos, porque aprendan: à aquellos hablo en lengua, que entiendo yo, à estos en la que entienden ellos.*⁵⁷

Esse excerto parece demonstrar que a opção pela divulgação de obras na língua vulgar ainda não era bem aceita, sendo alvo de questionamento no meio acadêmico. A justificativa dada pelo autor parece apontar, no entanto, para duas questões relevantes. A primeira delas diz respeito à forma como Sanz de Dios se apresenta, isto é, como alguém que domina o latim e que escreve aos não doutos em língua que “*entienden ellos*”, o que pode estar relacionado com a ampliação do número de leitores em idioma vulgar e com o uso cada vez mais restrito do latim às produções acadêmicas ou eclesiásticas. Considerando, portanto, o número de potenciais leitores – com ou sem quaisquer conhecimentos de medicina – a obra alcançaria maior difusão, se escrita em castelhano. A segunda questão está relacionada efetivamente ao conhecimento de latim, o que, além de demonstrar a formação diferenciada e a erudição do autor, o colocava em uma posição superior àquela ocupada pelos que tomariam contato com a obra.

No Prólogo da *Doctrina Moderna para los sangradores*, o autor destaca que compôs o tratado exclusivamente para sangradores e não para cirurgiões, acrescentando que omitiu diversos de seus conhecimentos, pois “*no he querido pasar los limites, que les estàn prescriptos por la ley*”.⁵⁸ Aqui, novamente, observamos o autor colocar-se em um local diferenciado (e privilegiado) em relação ao seu público, sendo detentor de um conhecimento

56 Este aspecto fica evidenciado na justificativa dada por Le Preux para o necessário afastamento das concepções clássicas: “*Si en este Tratado me he desviado en algo de las opiniones de los Antiguos, no ha sido por falta de la veneracion, que se debe à tan grandes Varones, sino por no apartarme de la verdad. Con el tiempo se han descubierto muchas cosas, que los Antiguos ignoraban, y no es de admirar, porque en las Ciencias, y en las Artes, que consisten en observaciones, y experiencias, se pueden hacer cada día nuevos descubrimientos*” LE PREUX, Ricardo. *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*. Prólogo.

57 SANZ DE DIOS, Francisco. *Medicina Practica de Guadalupe*. Prólogo.

58 LE PREUX, Ricardo. *Doctrina Moderna para los sangradores, en la cual se trata de la flebotomía, y arterioctomia*. Prólogo.

que era omitido para não desvirtuar os propósitos da obra e observar as leis que determinavam as distinções entre os ofícios de cura.⁵⁹

A comprovação dos conhecimentos – e, conseqüentemente, da experiência adquirida através da sua aplicação prática – pelos autores das obras também deve ser vista como estratégia para a sua legitimação diante dos pares e dos seus leitores, como se pode constatar no Prólogo escrito por Ribera (172?), no qual destaca seu *“incessante estudio”* e a busca permanente por *“algunos medicamentos experimentados”*. Interessante observar que no Prólogo da obra de 1722, Ribera dirige-se ao leitor para justificar os erros presentes na primeira edição de *Cirurgia*:

*No niego, discreto Lector, habrás encontrado muchos errores en mi Cirugía, cuando se dio al publico la primera vez, pero debo decirte, que los errores no fueron cometidos por el amor propio, si por la mocedad; y siendo esta el motivo, me parecen no son culpables los yerros, siendo cierto, que en la mocedad no se puede saber la facultad Apolínea con alguna perfección.*⁶⁰

O autor, como se depreende do excerto, procurou assegurar aos leitores que a nova edição iria apresentar menos *“errores que en la primera”* e informar que o título havia sido alterado para *Cirurgia Methodica Chymica Reformada*. O relançamento de obras sob a forma de versões *Reformadas* era prática comum no século XVIII, permitindo que elas continuassem circulando e, conseqüentemente, que os conhecimentos que veiculavam continuassem sendo difundidos. Além disso, tão logo a edição de determinada obra fosse considerada esgotada, era lançada uma tradução da obra do mesmo autor, como ocorreu com a *Polianthea*⁶¹ de Semmedo que, após três edições, foi sucedida pela divulgação de *Secretos de Curvo* que *“han sido la gulosina que à todos ha encendido en deseos para adquirir sus Obras”*.⁶²

Esta era, com certeza, mais uma das estratégias empregadas por autores e editores, a fim de garantir a circulação dos tratados e, desta forma, assegurar a difusão e a continuidade da aplicação de saberes legitimados e de práticas médicas e cirúrgicas autorizadas. As reedições e as traduções de obras já consagradas parecem apontar para o êxito desse recurso acordado entre autores e editores e aprovado pelo Estado e pela Igreja no século XVIII. Deve-se, contudo, considerar que, se, por um lado, a intensa circulação destes tratados favoreceu a adoção de determinados saberes e práticas, por outro, pode ter possibilitado diferentes apropriações pelos seus

59 Sobre a diferenciação existente entre os diversos ofícios ligados às artes de curar ver ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. *Medicina mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 2009.

60 RIBERA, Francisco. *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Práticos, Chymico Galenicos*. Prólogo.

61 A obra *Polianthea Medicinal* é tida como uma das mais conhecidas obras de Curvo Semmedo, tendo sido editada, provavelmente, em 1697.

62 SEMMEDO, Joam Curvo. *Proposta que o Doutor Joam Curvo Semmedo, Médico morador em Lisboa, faz aos amantes da saúde, & consciências*. Prólogo.

leitores,⁶³ como se constata na obra *Materia Medica Misionera*, escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, em terras americanas, no ano de 1710.⁶⁴

Nela, apesar de predominarem as referências a autores clássicos de tratados de medicina⁶⁵ – e, inclusive, a alguns de seus contemporâneos –, evidenciando a circulação e a apropriação de conhecimentos farmacológicos e médico-cirúrgicos europeus nas áreas dos impérios coloniais ibéricos, há várias passagens em que, após rigorosa observação da natureza e cuidadosa experimentação com plantas medicinais, Montenegro contesta as recomendações feitas por alguns autores quanto à adequação e à eficácia de sua utilização,⁶⁶ apontando para uma postura crítica em relação aos saberes consagrados e às práticas terapêuticas autorizadas.

Considerações Finais

Se por um lado é preciso ter presente que a leitura não prevê sentidos únicos ou compreensões corretas, sofrendo, inevitavelmente, a ação da subjetividade, que interfere na atribuição de sentidos pelo leitor⁶⁷ – e, assim, mudando o sentido intencionado pelo autor e pelas instituições envolvidas com a sua produção e circulação –, por outro, acreditamos que o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo avaliador ou pelo editor de uma obra, os quais, por sua condição, recorrem a estratégias para refrear a subjetividade dos leitores e impor uma leitura regrada. Algumas delas estão mais evidentes, como se pode constatar nos prólogos, nos prefácios e nas notas; outras se encontram implícitas, “fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão”.⁶⁸

Os autores dos tratados setecentistas que analisamos deram especial atenção às Dedicatórias, pois delas poderia resultar o apoio – pessoal ou financeiro – para a divulgação impressa de suas obras. Dentre os autores

63 De acordo com Chartier, os discursos “são produzidos e difundidos em um espaço social específico que tem seus lugares, suas hierarquias e seus objetivos próprios”. Assim, pensar as “relações que as obras mantêm com o mundo social” implica considerar as variações entre o texto e as realidades sociais, o texto e as significações e apropriações plurais, o texto e as diversas formas de transmissão e recepção. CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 258-259.

64 No século XVIII, na América hispânica, “*los diversos textos del saber médico editados en Europa tuvieron presencia (...) y varios autores clásicos comenzaron a ser conocidos y leídos*”. PAGE, Carlos; FLACHS, Maria Cristina Vera de. Textos clásicos de medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, Madrid, v.13, p. 117-135, 2010.

65 É evidente a admiração de Pedro Montenegro por Galeno (“*filósofo y príncipe de la Medicina*”) e a identificação com as concepções médicas galênicas, ao defender que a cura consistia “*en cierta qualidad, cierta cantidad y cierto modo de aplicación*”; MONTENEGRO, Pedro. *Materia Medica Misionera*. Prólogo). A maioria dos tratados de medicina do século XVIII reflete claramente a forte influência que ainda exerciam as concepções hipocrático-galênicas.

66 Estas observações parecem revelar, não apenas uma postura crítica do jesuíta em relação à indiscriminada aplicação destas plantas, como também as experiências que realizou: “*Son los clavos segun Pablo Cgineta odoríferos agudos, y con bastante amargor, calientes y secos en el tercero grad, pero segun la historia de Ethiopia escrita por el padre Manuelte en la cronica de Portugal, es seco en el cuarto grado*”. MONTENEGRO, Pedro. *Matéria Médica Misionera*, p. 6.

67 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. 1: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 49.

68 CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leitores. In: _____. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 123.

leigos, muitos reconheciam o poder dos soberanos e a autoridade da Igreja – bem como o controle que ela exercia –, prestando homenagem tanto a soberanos e a figuras da hierarquia católica, quanto a santos de sua devoção e de seus potenciais leitores. Para além da estratégia empregada para garantir o patrocínio ou evitar a censura, é preciso considerar que os textos destas dedicatórias evidenciam também “uma sensibilidade científica barroca – que conjuga a intervenção divina com o experimentalismo –” e, sobretudo, a inexistência de uma “dicotomia entre prática científica e cultura católica” nos séculos XVII e XVIII.⁶⁹

Quanto às Censuras e às Aprovações, verificamos que eram redigidas por catedráticos de Universidades e membros do Protomedicato ou, então, eram concedidas pelas Mesas Censórias. Por se tratarem de textos que autorizavam a divulgação de obras consideradas aprovadas, se caracterizam pelos elogios feitos aos seus autores, com destaque tanto para o conhecimento que detinham, quanto para a humildade, aspectos bastante valorizados nos discípulos de Hipócrates.

Já os Prólogos, textos em que os autores apresentam as obras e, muitas vezes, expõem as motivações para sua divulgação – se traduzidas ou não, se com adições ou não – e para as opções feitas em relação aos pressupostos teóricos adotados e ao idioma de divulgação, revelam os embates acadêmicos, as concepções médicas e políticas vigentes no momento de sua produção e circulação.⁷⁰

As informações que os tratados de cirurgia e de medicina setecentistas trazem em suas capas, dedicatórias, aprovações e prólogos parecem não apenas ter orientado os leitores à “justa compreensão”,⁷¹ como assegurado a legitimidade do conteúdo, mediante o reconhecimento pelos pares e pelos diferentes órgãos de controle e de censura – estatais ou eclesiásticos –, e, especialmente, a autoridade de seus autores, homenageados e censores. Já a aplicação efetiva dos conteúdos que estes tratados veiculavam parece ter estado sujeita a variáveis que não puderam ser controladas,⁷²

69 KANTOR, Iris. Resenha de Daniela Bleichmar. (ed.). *Science in the Spanish and Portuguese Empires: 1500-1800*. Stanford: Stanford University Press, 2009. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n.4, p. 295-296, mar. 2010.

70 É preciso lembrar que o século XVIII se caracterizou pela “*fructífera relación de la química y la medicina [que] iniciarán un proceso de cambio en la farmacología y jugaron un papel fundamental en el terreno terapéutico. Apartir de entonces se produjo una larga carrera entre químicos, farmacéuticos y médicos para encontrar componentes realmente activos de los extractos vegetales*”; PAGE, Carlos e FLACHS, Maria Cristina Vera de. Textos clásicos de medicina en la botica jesuítica del Paraguay, p. 121.

71 De acordo com Chartier, o historiador deve ficar atento a essas estratégias de escrita presentes nos textos, pois através delas os “autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas), e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão. Ver CHARTIER, Roger. *A História cultural*, p. 124.

72 Márcia Moisés Ribeiro, que se debruçou sobre as práticas médicas do século XVIII, fez a seguinte consideração: “Nas obras saídas a público no período em questão, notam-se profundas diferenças entre os autores que escreveram no início e no fim da centúria. A presença de sistemas mágico-religiosos ao lado de conceitos próprios da arte médica são bem mais frequentes na literatura do início do século. Muitas mudanças ocorreram desde então. Através dos livros, é possível perceber certo decréscimo das explicações sobrenaturais dos fenômenos

como evidencia a obra de Pedro Montenegro SJ, que atuou como médico e boticário nas regiões circunscritas à Província Jesuítica do Paraguai, na América meridional.⁷³

e a crescente tendência em buscar nas causas racionais a ocorrência de moléstias; RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.132.

73 A obra do irmão jesuíta Pedro Montenegro evidencia que os espaços jesuíticos de formação e de missão na América meridional – com destaque para os colégios e as reduções – foram palco tanto da aplicação dos saberes europeus, quanto de sua avaliação. Isto fica evidenciado nas manifestações explícitas de sua aceitação, comprovação ou contestação que Montenegro faz ao longo do texto –, como também de experimentalismos e trocas culturais entre saberes e práticas de cura, que podem ser constatadas nos catálogos de botânica médica, tratados médico-cirúrgicos e receituários escritos por irmãos e padres da Companhia de Jesus na primeira metade do século XVIII.